

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO – PÓLO DE SANTANA DO IPANEMA
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

ALINE BARBOSA DE MEDEIROS

A IMPORTÂNCIA ECONÔMICA E AMBIENTAL NA CONFECÇÃO DE PEÇAS
ARTESANAIS COM COCO SECO NO POVOADO DE IMPOEIRAS DE BAIXO, EM
PÃO DE AÇÚCAR – ALAGOAS.

SANTANA DO IPANEMA-AL

2024

ALINE BARBOSA DE MEDEIROS

**A IMPORTÂNCIA ECONÔMICA E AMBIENTAL NA CONFECÇÃO DE PEÇAS
ARTESANAIS COM COCO SECO NO POVOADO DE IMPOEIRAS DE BAIXO, EM
PÃO DE AÇÚCAR – ALAGOAS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador: Prof. Me. Hérmani Magalhães Olivense do Carmo.

SANTANA DO IPANEMA-AL

2024

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária: Helena Cristina Pimentel do Vale CRB4 - 661

M488i Medeiros, Aline Barbosa de.
A importância econômica e ambiental na confecção de peças artesanais com coco seco no povoado de Impoeiras de Baixo, em Pão de Açúcar-Alagoas / Aline Barbosa de Medeiros. – 2024.
43 f. : il.

Orientador: Hérmani Magalhães Olivense do Carmo.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso - Economia) – Universidade Federal de Alagoas, Faculdade de Economia. Administração e Contabilidade. Santana do Ipanema, AL, 2023.

Bibliografia: f. 36-38.
Apêndices: f. 39-43.

1. Artesanato. 2. Economia verde. 3. Sustentabilidade. I. Título.

CDU: 334.712(813.5)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar, por me proporcionar iniciar o ensino superior na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), algo que já almejava, e claro conseguir concluir e me formar no curso de Ciências Econômicas, sou grata a minha família que sempre me incentivou a ingressar na graduação, a todos os meus colegas que fizeram parte direta ou indiretamente desse processo de aprendizagem, quero deixar meu muito obrigada, as duas pessoas que sempre estiveram comigo desde o início até a finalização, Antelmo Macena Bomfim e Samuel Lima de Jesus.

Gostaria de externalizar minha gratidão perante a Instituição de Ensino, onde pude participar de monitorias e projetos de pesquisa junto do Prof. Dr. Cristiano da Silva Santos, que me ajudou muito e só tenho a agradecer. Não poderia esquecer de mencionar em meus agradecimentos o Prof. Dr. Luciano Celso Guerreiro Brandão Barbosa, que me orientou durante alguns semestres, e foi de muita importância para a construção do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), e agradeço especialmente ao Prof. Me. Hérmani Magalhães Olivense do Carmo, por aceitar me orientar e finalizar meu trabalho de pesquisa já nessa reta final.

E finalizo agradecendo aos envolvidos neste projeto, que contribuíram de forma exemplar na pesquisa de campo, facilitando o decorrer do trabalho e seu fechamento.

RESUMO

O presente trabalho traz a história do artesanato proveniente da casca do coco seco no povoado Impoeiras de Baixo, em Pão de Açúcar - AL, buscando explicitar o processo artesanal, e o que é feito com os resíduos dos recursos (casca do coco) utilizados para tal fim, que no caso são amontoados e queimados no terreno do responsável pelo negócio. O artesanato é uma atividade bastante relacionada com a economia verde e a sustentabilidade, assuntos relevantes no cenário econômico atual. A pesquisa nos esclarece através de questionários aplicados aos moradores da comunidade citada, pessoas essas que já fizeram e fazem parte da produção das peças, tanto a questão econômica como a socioambiental, entender o porquê as sobras são incineradas no próprio quintal da casa do proprietário das peças, ao invés de buscar outras alternativas que impeçam a degradação ambiental e evitem danos à saúde da população.

Palavras-chave: artesanato; economia verde; sustentabilidade.

ABSTRACT

This work presents the history of handicrafts made from dried coconut shells in the village of Impoeiras de Baixo, in Pão de Açúcar - AL, seeking to explain the artisanal process, and what is done with the waste resources (coconut shells) used for such a purpose, in which case they are piled up and burned on the land of the person responsible for the business. Crafts are an activity closely related to the green economy and sustainability, relevant issues in the current economic scenario. The research clarifies us through questionnaires applied to residents of the aforementioned community, people who have already been and are part of the production of the pieces, both the economic and socio-environmental issues, understanding why the leftovers are incinerated in the backyard of the owner's house. parts, instead of seeking other alternatives that prevent environmental degradation and prevent damage to the health of the population.

Keywords: craftsmanship; green economy; sustainability.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Matéria prima utilizada na confecção das peças.....	28
Figura 2 – Início da confecção.....	28
Figura 3 – Peças arredondadas em formato de botão.....	29
Figura 4 – Continuação no processo de construção das peças de artesanato.....	29
Figura 5 – Peças no formato de argola.....	30
Figura 6 – Peça em design de flor.....	30
Figura 7 – Resíduos da casca do coco seco.....	31

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AL	Alagoas
CNUMAD	Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento
DS	Desenvolvimento Sustentável
ONU	Organização das Nações Unidas
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFAL	Universidade Federal de Alagoas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
1.1	Objetivos.....	13
1.1.2	Objetivo geral.....	13
1.2.1	Objetivos específicos.....	13
2	METODOLOGIA.....	13
3	REVISÃO DA LITERATURA.....	14
3.1	Economia verde.....	14
3.2	Sustentabilidade.....	18
3.2.2	Degradação ambiental.....	21
4	ANÁLISE DOS RESULTADOS	25
4.1	Relato do filho de um dos produtores do artesanato com a casca do coco seco que teve durabilidade em nosso povoado.....	26
4.2.1	Produtor atual responsável pelo foco da pesquisa	27
4.2.2	Sustentabilidade e gestão dos resíduos.....	32
4.2.3	Sistema de produção e sustentabilidade: pelo olhar dos ex-funcionários.....	33
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
	REFERÊNCIAS.....	36

1 INTRODUÇÃO

O artesanato tem tomado grande espaço na sociedade, contribuindo de forma significativa na geração de emprego e renda, considerado um ramo muito atrativo, principalmente para os turistas, influenciando de forma positiva tanto a economia interna como externa, pois a sua comercialização faz com que o dinheiro circule em nosso país. A pesquisa tem como foco o artesanato proveniente da casca do coco seco, mostrando desde a matéria prima, até o produto estar no ponto de ser comercializado, e o que é feito com supostas sobras do recurso utilizado.

O Brasil por ano apresenta uma grande quantidade de plantação de coqueiros, com uma área plantada de 290. 515 hectares, cerca de 2,29 bilhões de cascas, 469,76 milhões de folhas que caem naturalmente da planta e 469,76 milhões de cachos com ramos florais e brácteas, é uma quantidade de resíduos bem consideráveis, necessitando de tecnologias que venham a reutilizar esses substratos, no intuito de minimizar o lixo que pode ser acumulado no meio ambiente (ROSA et al., 2001). “O nordeste brasileiro é a região responsável por cerca de 85% da produção nacional e mais de 90% da área plantada, que ocupa, principalmente, os Estados de Alagoas, Sergipe e Bahia.” (NETO et al., 2010, p.2).

Segundo NUNES et al (2007) o fruto do coqueiro é constituído por albúmen líquido (água-de-coco), albúmen sólido ou amêndoa, endocarpo conhecido popularmente como “quenga” e casca. A casca representa mais da metade do peso do fruto, conhecida como mesocarpo (fibra e pó) e epicarpo (camada mais externa da casca), podendo ter várias utilidades, desde o consumo a reutilização de seus resíduos, sendo um fruto de reaproveitamento completo.

Observa-se que a água do coco é muito procurada, principalmente em cidades praianas, no entanto, com a alta na demanda, a casca do coco verde é acumulada de forma descontrolada, pelo fato de aproveitar apenas seu líquido, como a sua casca é composta por fibras muito duras, há dificuldade em sua decomposição, causando impactos socioambiental na estratégia de simplesmente realocar esse produto para os lixões.

“A expansão acelerada da cultura do coco no Brasil, nos últimos anos decorre, sobretudo, do incremento da comercialização do coco verde para atender o crescente mercado da água-de-coco.” (FONTENELE, 2005, p.5). A citação corrobora com o já dito na observação acima, após essa breve contribuição sobre o coco verde, daremos continuidade com foco maior na casca seca do coco, logo é o assunto chave do trabalho.

O uso de fibras de coco como reforço em matrizes poliméricas é recente, porém apresenta vantagens em relação a outras fibras vegetais. A utilização de fibra vegetal, em particular fibra de coco, como reforço em compósitos com plásticos, apresenta várias vantagens quando comparada a outros materiais sintéticos, como, altas propriedades mecânicas específicas, biodegradabilidade, reciclabilidade, baixa densidade, não-abrasividade, baixo consumo de energia, baixo custo e oferta de empregos rurais. (SANTIAGO et al., 2005 apud SILVA; JERÔNIMO, 2012, p. 2195).

O coco seco, também é muito utilizado, tanto na questão da culinária, como na cultura do artesanato, sua casca é utilizada no processo de produção para várias finalidades, mas também sofre com o acúmulo de resíduos, e em muitos casos são simplesmente jogados fora ou queimados, isso ocorre tanto com a casca do coco seco como a casca do coco verde.

Com os assuntos descritos no trabalho, pode enfatizar a importância da natureza para todas as espécies existentes na terra, a questão de crescimento acelerado e descontrolado, usando os bens naturais que nos são fornecidos, de forma irresponsável, pode nos trazer prejuízo ao longo prazo, pois, o meio ambiente também precisa ser restaurado, seus bens naturais não são infinitos.

“A queima das pastagens naturais, na região dos campos de altitude sulbrasileiros, deve ser evitada como prática de manejo rotineira, pois deteriora as características do solo e reduz o potencial produtivo da vegetação nativa”. (JACQUES, 2003, p. 177).

As queimadas é um fator muito presente, o desmatamento crescente, entre outras ações do ser humano, que contribuem para o sofrimento não só dos animais, mas é algo prejudicial para todos, sem distinção de espécies. Feito a incineração desses produtos, o risco é enorme devido aos elementos químicos que são liberados, gerando desconforto social perante a população, pois, a fumaça ao ser inalada pode causar problemas relacionados a saúde física e mental.

De acordo com Gouveia e Prado (2010), a queimada de resíduos sólidos é um método utilizado como forma final em cidades. Com intuito de minimizar a quantidade dos resíduos, diminuindo os custos de logística e gerenciamento do lixo, evitando bactérias patogênicas e a proliferação de vetores de doenças, mais presentes em resíduos orgânicos. Entretanto, esse processo produz substâncias tóxicas, orgânicas ou inorgânicas, sendo expostas na atmosfera.

Os autores ainda salientam que, “Partículas, gases, metais pesados, compostos orgânicos, dioxinas e furanos são exemplos de substâncias perigosas emitidas pelos incineradores de resíduos sólidos”. (GOUVEIA; PRADO, 2010, p. 4).

Mesmo com os problemas causados pela forma que os resíduos são gerenciados, ainda é uma maneira de gerar emprego através do processo que antecede o acúmulo da matéria-prima, como também ocorre que as pessoas estão dispostas a vender sua força de trabalho pelo que seus ofertantes dispõem a pagar, muitas das vezes abaixo do esperado, e até mesmo em situações precárias.

A casca do coco é composta de fibras muito duras, difíceis de decompor, e para evitar esse tempo todo de espera e buscando mais espaço, os produtores resolvem incinerar. Nesse contexto, a finalidade deste trabalho é avaliar os impactos que a confecção de peças oriundas da casca seca do coco, pode causar no meio ambiente e na sociedade, onde o foco é no povoado Impoeiras de Baixo, em Pão de Açúcar – Alagoas (AL), de modo a analisar a contribuição da economia verde, numa perspectiva de melhoria para com o meio socioambiental.

É de grande importância o assunto que está sendo discutido, pois, vem mostrar a riqueza da casca do coco e o quanto a natureza é valiosa para nosso bem-estar, é inegável que a incineração desses restos de resíduos sólidos, produz substâncias poluidoras no meio ambiente, prejudicando também as pessoas que ali vivem, podendo causar falta de ar e lacrimação nos olhos ao inalarem a fumaça, esses são alguns dos sintomas que ocorrem quando se tem contato com ela.

O mercado de sustentabilidade vem crescendo, a fim de minimizar os impactos negativos ambientais, como também uma forma de aumentar os negócios no mercado de trabalho, os resíduos do coqueiro formam ótimas matéria-prima para fabricação de substratos e adubos orgânicos de grande importância agrônômica, social e econômica sem impactos negativos no meio socioambiental, contribuindo, de maneira significativa, para o crescimento da produção e melhoria da qualidade dos alimentos, que significa algo positivo advindo dos resíduos sólidos, onde muitas vezes são jogados fora. (NUNES et al., 2007).

A possibilidade de utilização da casca do coco e a fibra do coco, resíduos da indústria de água de coco, coco ralado, e demais derivados, substituindo outros materiais na fabricação de bijóias, acessórios, adornos, e artefatos decorativos e funcionais, além de minimizar os impactos ambientais, não ser poluente e não ser proveniente de desmatamento, confere ao objeto um aspecto diferenciado, possibilitando unir a funcionalidade aos aspectos decorativos que evidenciam o produto pela exposição da matéria-prima. (PEDROSO.; ROCHA, 2017, p. 138).

O coco é um fruto bem completo, onde tudo pode ser aproveitado, desde a água que o mesmo produz até sua casca, as vezes não se pensa na casca como um meio de aproveitamento,

mas essa questão vem mudando, e esse mercado vem crescendo, além do artesanato, são utilizadas como combustível de caldeiras, e esse subproduto vem sendo processado para a produção de fibras longas, que podem ser utilizadas, para enchimentos de bancos de automóveis, cordoalhas, tapetes, esteiras e muitos outros produtos. (FONTENELE, 2005) e (ROSA et al., 2001).

É notório, que a casca do coco pode ser usada para inúmeras finalidades, mercados com propostas de utilização desses substratos para incrementar vários outros setores, vem surgimento com uma pegada ecológica, de maneira a se preocupar com a questão socioambiental e também econômica, a necessidade de cuidar dos bens naturais tem sido mais presente, é pensar também de forma solidária com as futuras gerações.

Algumas empresas, instituições, estão investindo na sustentabilidade, a Cooperativa Pindorama é uma delas, que aposta na produção que não agrida o meio ambiente, o que antes era lixo agora vira subproduto que é utilizado em outras coisas, tudo é aproveitado do coco, desde a amêndoa até a casca, os problemas foram transformados em soluções, aumentando o nível de emprego e renda, evoluindo o aspecto social, ambiental e econômico (PINDORAMA, 2019).

A casca do coco seco é utilizada para fim artesanal no povoado Impoeiras de Baixo – Alagoas, desde meados da década de 1990, e permanece até os dias de hoje, no início era algo ainda desconhecido pela população e um de seus moradores trouxe a ideia e começou a produzir algumas peças em formatos variados, no entanto, por mais que os artesãos tentem utilizar 100% da matéria-prima, isso nunca foi possível, e assim sempre há sobras de resíduos nesse processo.

Os resíduos são separados, amontoados e quando se tem um certo montante, é feita a incineração dessa sobra, ela ocorre no terreno do responsável pela produção na comunidade, um ato que já ocorre durante alguns anos, no decorrer do trabalho tudo foi destrinchado de forma que o leitor entenda como tudo começou, e continua até a atualidade.

1.1 OBJETIVOS

1.1.2 Objetivo Geral

Avaliar a importância, sob o aspecto econômico e ambiental, do processo de confecção de artesanato com coco seco no Povoado de Impoeiras de Baixo, em Pão de Açúcar, Alagoas.

1.2.1 Objetivos Específicos

- Discutir a importância e inter-relação entre ecodesenvolvimento, artesanato e meio ambiente;
- Apresentar o segmento de artesanato com coco seco (panorama, mercado, importância para a comunidade local, etc.);
- Discutir como o descarte da casca coco é efetuado e verificar as alternativas de geração de emprego e renda local.

2 METODOLOGIA

O presente trabalho utilizou o método qualitativo, para as análises das informações coletadas, que foram realizadas na pesquisa de campo, por meio do roteiro de entrevistas semiestruturada, com o responsável por trazer o artesanato das peças proveniente da casca do coco seco para o povoado Impoeiras de Baixo em Pão de Açúcar – Alagoas, o filho de um produtor que teve durabilidade no ramo, o proprietário que ainda produz as peças e que foi o foco da pesquisa, dois trabalhadores atuais e dois Ex-trabalhadores, e a informantes qualificadas que foram detectadas e selecionadas durante a pesquisa.

Pesquisa empírica e bibliográfica, com intuito de analisar os pontos negativos e positivos, causados após as confecções das peças, mostrar através de fotos o processo da confecção, matéria-prima, as peças prontas para serem distribuídas aos seus compradores e os resíduos que são amontoados e em seguida queimados no terreno do proprietário.

Através de pesquisa bibliográfica, trazer em que esses resíduos sólidos, possam vir acrescentar outras atividades além do artesanato, no que podem ser usados para fabricação de outros produtos, mas, de forma que não venha degradar o meio ambiente, nem prejudicar a população de sua localidade, como também ilustrar um pouco sobre a economia verde, sustentabilidade e degradação ambiental.

3 REVISÃO DA LITERATURA

3.1 ECONOMIA VERDE

A busca de melhorias tem sido pauta desde décadas passadas, por conta dos problemas ambientais gerados, onde a questão principal gira entorno do crescimento econômico, de outra forma pode ser dito como, da busca de lucros extraordinários concentrado nas mãos de poucos.

Dessa forma a temática ‘economia verde’ surge com a intenção de transição, com questões que entram em debate sobre esse modelo econômico que vigora ainda nos dias de hoje. Sendo assim, o autor Mehler (2013), afirma que na economia verde o processo de produção de bens e serviços devem ser feitos de modo que os recursos sejam utilizados com menos agressividade para que o meio ambiente tenha a capacidade de renová-los.

Seguindo a linha de raciocínio exposta acima o autor vem mostrar um dos problemas que ocorre na atualidade, sendo ele, a crescente da população e das atividades econômicas, vem gerando problemas ao longo do tempo pois a procura pelos recursos naturais tem sido exagerada (MEHLER, 2013).

Outros autores discorrem que o conceito de economia verde deve ser algo muito além do normativo, e sim um processo de mudanças no próprio modelo econômico vigente, e no meio tecnológico na perspectiva de melhorar o crescimento e desenvolvimento econômico, na tentativa de diminuir as desigualdades regionais e globais, com intuito maior na redução da pobreza extrema (DINIZ, M. B.; DINIZ, M. J. T.; RIVAS, A. A. S. 2016).

De acordo com o tema discutido eles acreditam que, dentro do modelo proposto o mercado pode surgir como aliado na tentativa de resolver os problemas ambientais, possibilitando inovação e difusão de tecnologias mais amigáveis para com o meio ambiente, diminuição na agressividade da exploração na natureza, atuando de forma positiva para novas trajetórias no crescimento e desenvolvimento econômico, com participação considerável na produção das populações consideradas pobres (DINIZ, M. B.; DINIZ, M. J. T.; RIVAS, A. A. S. 2016).

Entende-se que os problemas causados pela degradação, acarreta diretamente e de forma negativa nos três pilares mencionados no decorrer do trabalho, que são os meios (ambiental, social e econômico), fica claro que um vai dependendo do outro.

E assim Jacobi e Sinisgalli (2012), explicam que a relação existente entre economia verde e saúde pode estar ligada com impactos causados pelas mudanças climáticas, como por

exemplo, moradia, saneamento básico, fontes de energia, principalmente na parte da sociedade que se faz excluída. Os mesmos também abordam que o ponto central dessa temática seja, no processo de produção da sociedade e nas suas transações que possam contribuir sempre mais para o desenvolvimento sustentável, tanto na ideia social como ambiental (JACOBI; SINISGALLI, 2012).

Mas para que ocorra a ideia mencionada, é preciso que tanto as tecnologias produtivas e sociais, fatores ligados a sustentabilidade social e ambiental, sejam consideradas nas decisões econômicas, o que na atualidade não ocorre (JACOBI; SINIGALLI, 2012).

Quando se fala em degradação, é importante compreender que seus problemas não prejudicam apenas o seu causador, mas sim toda criatura viva, seja ela presente ou futura, pois seus custos podem causar danos que não podem ser mensurados ou reversível, atingindo assim todo o planeta.

Com o aumento na produção de soja no Brasil, outros produtos estão sendo produzidos em menores escalas ou até mesmo parado a produção, como é o caso do feijão, conseqüentemente vai ocorrer o que já é de se esperar, o produto (feijão) vai ficando escasso, sua demanda irá superar a oferta, e o retorno esperado disso é o básico da lei de oferta e demanda, em outras palavras, pode ser dito que quando a demanda por um bem ou serviço for maior que sua oferta, o seu preço tende a aumentar.

Com relação ao que foi colocado acima, Domingues; Bermann e Manfredini (2014) enfatizam que com a crescente do agronegócio em locais que eram ocupados pela cultura diversificada e familiares, aumentou o desemprego, reduziu a capacidade da produção dos alimentos tradicionais influenciando negativamente na segurança alimentar da sua sociedade. Os autores completam o pensamento afirmando que, tal processo aumentou a migração de pequenos colonos, pelos problemas sociais e a compra dos terrenos.

Além dos problemas sociais gerados pela implantação da produção em larga escala da soja, é importante salientar que também ocorre o desmatamento das localidades utilizadas para o plantio, corroborando com o dito, Domingues; Bermann; Manfredini (2014, p. 37) deixam claro que, “de fato, a expansão da produção de soja está causando um grave desmatamento por meio da dinâmica de derrubada da floresta, [...]”.

Para Garcia (2016), a economia verde pressupõe em investimentos menos poluentes, como, tecnologias avançadas para o processo de produção dos produtos, o intuito de que as

empresas sejam conscientizadas com relação a exploração do meio ambiente, na busca de minimizar os danos.

A autora também afirma que para que seja possível alcançar a economia verde, é necessário que haja investimentos dos setores públicos e privados, porque o que existe na atualidade é uma economia denominada ‘marrom’, e sólida, que na verdade só se preocupa com o lucro, deixando a proteção ambiental de lado (GARCIA, 2016).

Advindo de pensamentos semelhantes sobre a temática, os autores discorrem que, “Os principais pilares sobre os quais se sustenta a transição para a Economia Verde são a realocação de investimentos e a crescente utilização de tecnologias ambientalmente seguras”. (CRUZ; HOFF, 2018, p.146).

Entende-se que a economia marrom dita, seria o modelo vigente que vigora desde o início da industrialização, ou seja, o sistema capitalista, de exploração, produção e consumo exorbitante. Partindo desse leque, Gallo et al (2012, p. 1458), apontam que:

Os efeitos desse modelo de desenvolvimento refletiram-se no aquecimento global, no buraco na camada de ozônio, na poluição e na diminuição da quantidade de água potável, na desertificação, na contaminação do solo, na poluição do ar, na escassez de recursos naturais, na extinção de espécies, na perda da biodiversidade, entre outros, o que apontava para a insustentabilidade deste modelo, ameaçando a vida no planeta. (GALLO et al, 2012, p. 1458).

Os autores ainda apontam dois pontos cruciais quando se fala em transição para essa nova economia, o primeiro seria a extinção de vários empregos, já no segundo aconteceria o inverso, onde abriria espaço para novos empregos denominados verdes, nesse caso o trabalhador teria liberdade, remuneração equitativa, segurança no local de trabalho e proteção social (GALLO, 2012, p.1459). Porém, eles enfatizam que para isso acontecer é preciso ações de incentivos do governo como, “utilizando instrumentos econômicos, normas, inovação e difusão tecnológica, políticas distributivas e voluntárias e iniciativas que possam ajudar a canalizar investimentos – públicos e privados – para setores específicos e aumentar sua eficácia e equidade”. (GALLO, 2012, p.1459).

Fica claro que a temática abordada, surge na tentativa de mudanças, seja nos mercados advindo de público ou privado e, também na conscientização das pessoas, no sentido do consumo, se a demanda por produtos considerados ‘verdes’ aumenta, diminuindo a procura pelo produto que só cause externalidades negativas para a natureza e conseqüentemente para o

planeta, pode ter certeza que irá impactar na tomada de decisão dos mercados, pois, pensando de forma clara a demanda influencia de maneira considerável no negócio.

Apesar da importância dada a necessidade de mudanças com o modo em que o planeta terra vivencia, Frischtak (2011, p. 99), deixa claro que ‘a economia verde não tem precedente nem modelo’. Para ele a mesma tem relação na transformação do modo de produção e consumo; na mudança do planejamento do governo e suas políticas públicas; tendo como destaque a inovação.

Dessa forma surge a possibilidade de existir mudanças, porque está explícito que o planeta pede socorro, a insustentabilidade que o planeta apresenta é terrível, mostrando que se o crescimento econômico continuar como está, as catástrofes irão aumentar e não apenas as gerações futuras sofrerão os resultados, principalmente com relação as mudanças climáticas.

Pensando em uma perspectiva de tentar minimizar o que já é fato, temas como degradação ambiental, sustentabilidade, economia verde entre outros, são trazidos e debatidos para que algo seja feito mediante a tudo isso que vem acontecendo, a importância de manter a natureza, economia e sociedade em harmonia. Como diria Gallo et al (2012, p. 1460), “Os benefícios de uma economia verde resultariam em maior saúde e bem-estar com menor poluição”. Frischtak (2011, p. 109), completa dizendo que “um novo paradigma está emergindo, em que crescimento e conservação são positivamente correlacionados e formam a base da economia verde”.

Outra questão de suma importância enfatizar é o caso da desigualdade, ou seja, na construção de uma economia verde sustentável esse é um fator gritante, que precisa urgentemente melhorar, o autor Boff (2017), salienta que se a desigualdade não for superada e o crescimento controlado que ele traz como, poupar a terra para a prosperidade de todos, mesmo com a versão verde é impossível chegar à sustentabilidade.

Boff (2017) conclui que a economia verde só terá sentido no escopo de uma sustentabilidade considerada substantiva, onde respeite o período da natureza e que a pobreza seja minimizada. Partindo desse e dos demais pressupostos para o paradigma de uma economia tanto verde como sustentável, é evidente que é um processo gradativo e que engloba tanto a sociedade como os governantes os empresários e outras questões, para que essa transição (mudança) possa ser de fato iniciada, ou que realmente algo seja feito para que o irreversível não venha a acontecer.

Como diria Aveni (2017, p. 14), é a partir dos direitos de propriedades claros que nasce uma economia verde, a atuação pública com o privilégio de estratégia ambiental na perspectiva da atividade de sistemas de gestão ambiental.

Ganilho (2015), pontua que a economia verde vem da ideia central subjacente do conjunto de produção da sociedade e das suas transações no intuito de contribuição cada vez maior para o desenvolvimento sustentável, no sentido social e ambiental.

3.2 SUSTENTABILIDADE

Percebe-se que a economia convencional é o modelo de mercado (produção) que vigora, onde seu objetivo principal é o crescimento econômico (desenfreado), visando os recursos naturais como sendo infinitos, não se importando com eventuais problemas que poderiam causar ao meio ambiente e por sua vez, implicar em questões sociais. Mediante esse modelo neoclássico que vigora, problemas ambientais começaram a surgir, e vem sendo abordados com mais frequência por vários motivos, e assim surgem meios para tentar minimiza-los.

Através da Organização das Nações Unidas (ONU), surgiram algumas conferências para tratar os problemas ambientais advindos desse sistema capitalista, no intuito de melhorar/minimizar tais externalidades negativas, como por exemplo, a conferência de Estocolmo de 1972 sobre o Desenvolvimento e Meio Ambiente Humano, Rio-92 sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, conhecida também como Eco-92 e Rio+20 com o tema de Desenvolvimento Sustentável, entre outras.

Na conferência de 1972 em Estocolmo, segundo a Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, [...] foi consagrada a soberania dos estados aos seus recursos naturais, tendo como base para a degradação o processo industrial e a pobreza e o desenvolvimento econômico para uma vida melhor (TRIPOLI, 2013).

Na cidade do Rio de Janeiro, Brasil, em 1992, ocorreu a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD) ou Eco-92. Continuou com a afirmação dos estados sobre os recursos advindos da natureza, inclui o direito intergeracional, prevenção, propõe a eliminação de padrões insustentáveis de produção e consumo, entre outros (TRIPOLI, 2013).

Novamente após duas décadas da Eco-92, o Rio de Janeiro, Brasil, sediou em 2012 mais uma Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável conhecida como, Rio+20, sendo a quarta conferência da ONU com relação ao meio ambiente e ao desenvolvimento (TRIPOLI, 2013).

Na Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente em Estocolmo 1972, surgiu o termo “ecodesenvolvimento”, pelo seu secretário, Maurice Strong. Mas, o economista Ignacy Sachs é considerado o criador do conceito de ecodesenvolvimento.

Segundo a definição de Sachs (1993, *apud* SILVA, 2015), o ecodesenvolvimento está ligado de forma direta com o desenvolvimento interno de cada país ou região, dependendo de suas próprias forças, objetivando resolver problemas socioeconômicos relacionados ao meio de produção, utilizando recursos naturais de forma consciente. Dessa maneira, ele desenvolveu cinco bases da sustentabilidade do ecodesenvolvimento: sustentabilidade social, econômica, ecológica, territorial e cultural.

A sustentabilidade social está referida com a desigualdade, equidade na alocação de renda e de bens, busca do desenvolvimento em sua multidimensionalidade; sustentabilidade econômica consiste no aumento da produtividade, utilizando dos investimentos públicos e privados para uma gestão eficiente dos recursos; sustentabilidade ecológica implica na qualidade do meio ambiente, preservando os recursos naturais, e solidariedade com as futuras gerações; Sustentabilidade territorial corresponde ao equilíbrio do meio urbano e rural com a distribuição mais equitativa para ambos; Sustentabilidade cultural está relacionada à denominação endógena, respeitando as tradições e identidades do determinado local (OLIVEIRA; MONTEIRO, 2015).

Segundo Andrade et al (2012, p. 1), “O ecodesenvolvimento contempla de forma ampla a sustentabilidade envolvendo o meio social e econômico de maneira integradora, e com isso faz com que haja processos que envolvam a gestão ambiental no processo de planejamento.”

O ecodesenvolvimento tende a expectativas positivas relacionadas à construção de uma metodologia minuciosa, que envolve o modo de produção, algo endógeno, Cultural e regional, sendo empático com as gerações futuras, que tenham a oportunidade de desenvolvimento, advindo dos recursos naturais assim como a geração atual, passa da lógica de produção para uma prioridade nas necessidades fundamentais da maioria da população (FILHO, 1993).

O termo “sustentabilidade” também surgiu justamente na intenção de tentar reverter o caminho que foi tomado pela ganância de lucros ser cada vez maior, sem ao menos pensar nas externalidades negativas que esse sistema poderia trazer, tanto no meio natural como consequentemente no socioeconômico. Quando se trata dos termos de

“ecodesenvolvimento” e “sustentabilidade”, logo se encontra a questão de “desenvolvimento sustentável”, ou seja, um vai levando ao outro.

O conceito de desenvolvimento sustentável (DS), foi apresentado pelo Relatório Brundtland em 1987, também conhecido como, Nosso Futuro Comum, onde o mesmo dizia que: “Desenvolvimento sustentável é desenvolvimento que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a capacidade de as futuras gerações satisfazerem as suas próprias necessidades.” (BRUSEKE, 1994, p. 16).

Como já abordado anteriormente, essa questão ambiental vem sendo discutida, por conta da produção que vigora desde sempre, baseada na economia convencional, que tem como destaque o sistema de produção desenfreado, fazendo parte de um sistema macroeconômico, crescimento econômico acima de tudo. O sistema capitalista separa a boa relação entre trabalho e natureza em seu ritmo, levando o meio ambiente a uma forma utilitarista, com produção demasiada (NETO; RODRIGUES, 2017).

Turcato et al (2019), afirmam que o crescimento econômico nem sempre leva ao desenvolvimento econômico muito menos ao desenvolvimento humano, e conseqüentemente emite grande custo ambiental.

Em contrapartida, surge à economia ecológica, oposta a esse sistema neoclássico existente, logo, seu objetivo maior é mostrar que os recursos naturais são finitos, e a degradação desse meio, acarreta em fortes problemas no meio social, ambiental e econômico.

O âmbito do desenvolvimento sustentável busca um sistema igualitário, que proporcione bem-estar as pessoas, reduzindo o índice de pobreza, e que a economia qualitativa seja vigorada tanto quanto a quantitativa, ou seja, a qualidade de vida da humanidade seja tão importante como às questões monetárias são, tanto local como global.

É colocar em prática a palavra de “equidade”, mostrar que esse sistema de sustentabilidade não é fácil muito menos individual ou acometa uma pequena porcentagem da sociedade, vai muito além, é um pensamento de longo prazo, em outras palavras, plantando hoje para colher os frutos no tempo certo, sem antecipar seu estado de consumo.

Neto e Rodrigues (2017), apontam que por conta da complexidade do DS, não pode ser definido pelo um único conceito, podendo ser interpretado de formas distintas, [...]. “Assim, surgem problemas como a utilização errônea do termo, e a sua vulgarização nas

ações ambientais. Além de que, o DS apresenta uma base capitalista e produtivista, o que não condiz com o objetivo em que é utilizado.” (NETO; RODRIGUES, 2012, p. 144).

Dessa forma, compreende que o desenvolvimento sustentável requer limites e possibilidades sobre suas diferentes perspectivas (CHAVES; RODRIGUES, 2006, p. 101). “[...] o DS apresenta uma base capitalista, supervalorizando o desenvolvimento e o lucro, deixando em segundo plano a sustentabilidade, mesmo que este seja a sua marca de divulgação para a grande massa.” (NETO; RODRIGUES, 2017, p. 151).

De acordo com Barbosa (2007), o desenvolvimento sustentável ainda não está concretizado, porém se faz necessário para haver equilíbrio na relação socioambiental onde o ser humano se encontra. O autor ainda enfatiza que com base na sustentabilidade um sistema para se manter eficiente e produtivo a médio prazo quando o âmbito social, econômico e ambiental se mantenha em equilíbrio (BARBOSA, 2007).

Apesar dos termos abordados acima surgirem com intuito de minimizar os problemas ambientais causados pelo sistema presente, percebe-se que por mais que sejam abordadas questões positivas, alguns autores retrataram limites e dificuldades de um conceito concreto atribuído mais necessariamente ao entendimento de desenvolvimento sustentável.

Contudo, é importante enfatizar que várias questões entram nesse assunto, principalmente a cultura que vigora, fica nítido a dificuldade de implantar algo que irá mudar o sistema vigente, então, por mais que se faça necessário mudar, não é tão fácil como as vezes parece ser, é preciso entender se a humanidade está disposta a renovar.

3.2.1 DEGRADAÇÃO AMBIENTAL

Degradação ambiental é um assunto que já vem sendo discutido há algum tempo, pois é algo relacionado diretamente com o bem-estar não somente do meio ambiente, mas também do ser humano, ressaltado também sua importância no meio econômico, mesmo com tudo isso, as mudanças que ocorrem na natureza podem ser denominadas como ações antrópicas, ou seja, na medida que a raça humana vai se adaptando em determinado espaço geográfico e implantando suas inovações, como por exemplo, a tecnologia e sua evolução, vai se modificando a área que está sendo habitada, em outras palavras, implicando na maioria das vezes em problemas ambientais, dessa forma podendo acarretar em degradação, tendo o homem como o principal causador desses problemas.

Os ecossistemas possuem habilidades de recuperação contra ações do homem que não são de forma contínua, entretanto, na ocasião de impactos ambientais frequentes não existe possibilidade em sua regeneração (LUCIO, 2010).

De acordo com o decreto federal nº 97.632 de 10 de abril de 1989, considera-se como degradação, “os processos resultantes dos danos ao meio ambiente, pelos quais se perdem ou se reduzem algumas de suas propriedades, tais como, a qualidade ou capacidade produtiva dos recursos ambientais”.

Para Rubira (2016, p. 141) “A degradação ambiental é proveniente da utilização sem medidas e sem preocupação com a sustentabilidade do meio ambiente por parte do homem, originando o esgotamento dos recursos naturais a diferentes níveis de escalas”.

Guerra e Guerra, *apud* Rubira (2016, p. 141) relatam que a degradação ambiental é:

Causada pelo homem, que, na maioria das vezes não respeita os limites impostos pela natureza. A degradação ambiental é mais ampla que a degradação dos solos, pois envolve não só a erosão dos solos, mas também a extinção de espécies vegetais e animais, a poluição de nascentes, rios, lagos e baías, o assoreamento e outros impactos prejudiciais ao meio ambiente e ao próprio homem).

Mesmo existindo a degradação ambiental natural, como por exemplo, o período de estiagem mais comuns nos estados nordestinos, os tipos de degradações mais recorrentes, são causadas pelas ações humana, como, poluição, desmatamento, salinização, queimadas, efeito estufa e outras, acarretando em problemas tanto social quanto ambiental e econômico, fica claro a necessidade dos recursos naturais para a sobrevivência dos seres vivos na terra, porém, os recursos naturais não são renováveis, a sua utilização de forma exagerada pode causar danos irreversíveis, ou seja, em sua extinção, mas, não somente nesse meio, e sim também em todo o ecossistema, implicando em consequências desastrosas no planeta.

Os recursos naturais estão ligados de forma direta com o crescimento econômico, que depende das condições ambientais (KAMOGAWA, 2003). Segundo o autor citado, o processo de crescimento econômico, pode afetar tanto de forma quantitativa como qualitativa as reservas de tais recursos de maneira simultânea.

Os fatores que causam a degradação podem impactar negativamente na sociedade, para um melhor entendimento vale descrever exemplos como, saúde, quando se fala em queimadas se imagina a fumaça, que causa olhos lacrimejantes, falta de ar, mal-estar, entre outros desconfortos, causados pelas substâncias químicas tóxicas que são liberadas, e com certeza irá

influenciar na questão econômica, ou seja, ao precisar consultar um médico e na provável necessidade de adquirir medicamentos. Foi abordado algo mais simples, imaginando apenas alguma localidade que pode afetar uma pequena porcentagem da comunidade local, mas quando se imagina algo grande, como, as queimadas na floresta Amazônica, fica ainda mais visível a dimensão que poderá ser atingida, ou até, fica difícil mensurar o tamanho dos impactos provindos dessas ações.

Quando aborda assuntos como do meio ambiente, logo percebe-se que não é algo limitado, pois em seguida começa a entrelaçar-se com o meio social e econômico, e como já visto antes um vai dependendo do outro, uma ação do homem pode envolver todos esses meios ao mesmo tempo ou vice e versa, um exemplo a ser dado é, sobre o ocorrido na cidade de Maceió em Alagoas de início em 2018 a 2019, a Empresa Braskem através da extração de salgema feita durante décadas, provocou o desastre hoje conhecido e vivido pelos moradores dos bairros, Pinheiro, Mutange, Bom Parto e Bebedouro.

O prejuízo para essas pessoas é imensurável, tiveram que deixar suas casas, ou seja, toda uma história para trás e recomeçar do zero, principalmente para os mais idosos é algo muito triste e complicado, precisar refazer suas vidas em outro local, por conta da irresponsabilidade e ganância do ser humano, entretanto, não apenas os moradores dos quatros bairros citados acima foram atingidos, muita gente sofreu o impacto mesmo que de forma indireta, pois, a realocação dos moradores para outros bairros, fez com que a demanda por casas ou apartamentos aumentassem rapidamente, e claro obtendo uma grande valorização, abalando o mercado imobiliário local, como também a situação financeira e psicológica das pessoas, não entrarei em detalhes porque esse assunto não é o foco do presente trabalho, porém é um bom exemplo para mostrar a importância do meio ambiente, e as externalidades negativas que podem acontecer, na utilização dos recursos de maneira demasiada e irresponsável.

A degradação ambiental é algo que pode levar a desertificação do solo, atingindo todo o meio natural, social e econômico. Patrício (2013) define o processo de degradação, advindo do resultado complicado dos fatores, tanto socioambiental como econômico, relativo as ações em constante mudanças, que acarretam em respostas negativas no aumento da degradação.

Vale ressaltar, que a agricultura é um fator muito importante no nordeste, porém, com a industrialização, globalização, capitalismo e outros, esse meio foi atingido diretamente, destacando de forma negativa, pois, nesse sistema capitalista onde tanto a produção como o consumo, acontece de maneira desenfreada, a agricultura também passou a ser convencional,

consequentemente precisou-se utilizar de métodos mais agressivos para se produzir e manter as mercadorias prontas para consumo, ou seja, foram surgindo, agrotóxicos, inseticidas e outras substâncias que são completamente agressivas não apenas para a natureza, mas também para o próprio ser humano (consumidor), e por sua vez, se tratando desse assunto, elementos como esses aparentam superar o custo ao invés do benefício, onde o período de longo prazo parece ser esquecido pela ganância dos lucros a curto prazo da grande elite.

Segundo Barbosa (2007) o agricultor ao utilizar o agrotóxico, a tentativa de diminuir os custos unitários de produção, acarreta numa série de problemas, como, poluição de rios e contaminação dos alimentos, e o excesso de tais substâncias pode causar vários distúrbios e doenças. Essa nova agricultura dependente de insumos químicos que gera externalidades negativas, com a poluição do meio natural e na contaminação do ser humano (BARBOSA, 2007).

Lucio (2010) afirma que degradação ambiental não tem influência apenas no clima da localidade afetada, mas também no meio ambiente com os impactos negativos oriundos da poluição, restando para o ser humano que ali convive, se adaptar com tais externalidades podendo adquirir doenças perigosas levando-o até a morte.

“A degradação do meio ambiente gerada pelo homem, provoca uma deterioração da qualidade de vida, pois as condições ambientais são imprescindíveis para a vida, tanto no sentido biológico, como social.” (LUCIO, 2010, p. 28). Ainda para o autor, esses fatos levam ao crescimento desenfreado dos impactos ambientais causando problemas de modo geral e, não apenas local. E acredita que, hoje não há nada mais importante para o ser humano do que entender o funcionamento da natureza.

Com o decorrer do trabalho, fica notória a importância da conservação da natureza para nossa existência e bem-estar, é importante enfatizar que não apenas a utilização dos recursos naturais de forma demasiada gera degradação, pois a disparidade econômica também é um fator muito importante nesse assunto, ou seja, problemas com falta de moradia, saneamento básico, acesso as necessidades básicas que todos deveriam usufruir, entre tantas outras questões, que geram impactos não somente ambiental mais também no social e econômico.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A produção do artesanato proveniente da casca do coco seco, no povoado Impoeiras de Baixo – Alagoas, surgiu em meados da década de 1990, onde um morador da localidade se encontrava em nossa capital Maceió, mais precisamente na praia da Pajuçara, e logo foi indagado pelo maior fornecedor de redes e tapetes do nordeste, surgindo a pergunta se ele conhecia alguém que soubesse fazer as peças da casca do coco seco, que foi uma ideia trazida do exterior, e até então não havia produção no nordeste, no entanto, o senhor Marcos, respondeu que ele mesmo conseguiria produzir, e de cara lhe foi feita uma encomenda de dez mil peças para sua primeira entrega.

Após firmado o acordo, o senhor Marcos, voltou para a sua comunidade e deu início ao seu negócio, conseguindo a matéria-prima da Sococo, mas, a empresa só fornecia a casca do coco, com a exigência de que os resíduos não fossem descartados ou queimados no meio ambiente, aceitando a exigência exposta, os recursos tinham sido liberados, seguiu para a compra de algumas máquinas e na busca de mão de obra, começando basicamente com uns três moradores da comunidade.

No início era produzido cerca de dez mil peças por semana, tanto no formato redondo com aparência de uma argola, como no formato quadrado, era retirado todo o pelo do coco em algumas peças e em outras não, com o decorrer do tempo a demanda foi aumentando, e empregando mais pessoas, um total de dez funcionários, e assim chegou a produzir até cem mil peças por semana, a mercadoria era toda fornecida para um grande comerciante de redes e tapetes do nordeste, da cidade Caraibeiras no estado de Pernambuco (PE).

Com o aumento na produção das peças, conseqüentemente os resíduos também cresciam, mas, conforme já citado acima, as sobras não eram espalhadas no meio ambiente e queimadas, mas sim, passadas no triturador e feito o pó que era utilizado como adubo.

Após um ano que iniciou o artesanato com a casca do coco, a população começou a enxergar que era algo muito lucrativo, e assim, algumas outras pessoas tentaram adentrar no ramo, porém, somente umas três conseguiram permanecer por alguns anos, que foi o responsável em iniciar o artesanato em nossa comunidade, um senhor que até hoje continua com a produção e um outro que conseguiu manter o negócio até ocorrerem os problemas causados pela pandemia da Covid-19. Mas no momento somente um permanece com esse tipo de artesanato em nossa região, que no caso foi o foco da nossa pesquisa.

Como a oferta das peças começou a aumentar, porque, muitas pessoas começaram a fornecer, o preço das peças teve uma queda significativa, e com uma base de três anos fazendo parte do negócio com o artesanato da casca do coco, o senhor Marcos, resolveu deixar a produção, e permaneceu por mais dez anos com o artesanato proveniente da madeira, e seus filhos ainda hoje produzem artesanato com madeira que são levados e vendidos na cidade de Maceió-Alagoas.

O senhor Marcos, agente responsável em trazer a confecção das peças advindas da casca do coco seco, para o povoado Impoeiras de Baixo – AL, deixou claro que o artesanato é um ramo muito lucrativo, no entanto, é preciso inovação e dedicação para que o negócio não pare, ele comentou também que acredita que no período de alta, umas vinte famílias foram influenciadas economicamente e profissionalmente com a vinda do artesanato para a comunidade.

4.1 RELATO DO FILHO DE UM DOS PROFUTORES DO ARTESANATO COM A CASCA DO COCO SECO QUE TEVE DURABILIDADE EM NOSSO POVOADO

Apesar de não se recordar do ano exato em que seu pai iniciou com a produção do artesanato, ele estima que foi mais ou menos entre os anos de 2000 a 2001, iniciando com basicamente quatro pessoas, no começo foi um pouco mais difícil, seu pai precisou buscar qual seria a melhor forma para se trabalhar no ramo, foram necessários praticamente uns quatro meses de busca de mercado para saber o que realmente precisava fazer para manter o negócio.

Após encontrar o que procurava para dar arranco em sua produção, conseguiu empregar pelo menos umas oito pessoas. A matéria-prima era conseguida com os pequenos produtores, na cidade de Maceió – Alagoas, sua produção era de em média vinte mil peças por semana, incluso algumas em formato de botões, e outras no formato de argolas que eram as mais pedidas, o artesanato era levado e negociado na cidade das Caraibeiras no estado de Pernambuco.

É importante ressaltar que as peças não eram confeccionadas no intuito apenas da venda, mas sim, negociar boa parte por mercadorias, tanto para iniciar outro tipo de artesanato, como por exemplo, panos para produzir bolsas que também utilizavam as peças da casca do coco para seu acabamento final, como redes e tapetes para revenda. Quando as bolsas estavam prontas para serem comercializadas, pois, eram produzidas algumas peças em formato de peixe, estrela

e lua, para deixar seu produto ainda mais belo e diferenciado, eram levadas juntamente com as redes e tapetes e vendidos em Aracajú, capital de Sergipe.

Sempre sobrava alguns resíduos do processo de produção das peças, e eram amontoados e queimados atrás da própria residência. O filho enfatizou que seu pai sempre foi um homem muito inteligente, ele sempre gostou de trabalhar com o pequeno produtor, porque mesmo quando a procura estava baixa, eles sempre conseguiam comprar e fazer a troca das peças, entretanto, no período da pandemia da Covid-19, não teve como continuar, quando as coisas começaram a melhorar, ele acabou passando por uns problemas de saúde, e não voltou mais com o artesanato, chegando a falecer no ano de 2023.

4.2.1 PRODUTOR ATUAL RESPONSÁVEL PELO FOCO DA PESQUISA

O produtor atual das peças de artesanato proveniente da casca do coco seco, no povoado de Impoeiras de Baixo - AL, também teve início na década de 1990, de acordo com o proprietário (produtor das peças), nos primeiros anos a produção era bem elevada, dessa forma, era preciso muita mão de obra para conseguir suprir a sua demanda, que era em média oitenta a cem mil peças por semana, gerando emprego e renda dentro da comunidade, após uns cinco anos com o negócio, a procura diminuiu, sofrendo uma queda de 30% na procura, trabalhando com uns oito funcionários.

Muitas pessoas da localidade já passaram pelo processo de construção do artesanato com a casca do coco seco, no entanto, ao longo dos anos, a produção foi diminuindo e com isso os trabalhadores tiveram que buscar outros meios de renda, muitos optaram pelo corte da cana.

Com altos e baixos o negócio ainda era mantido, mas, no período da Pandemia da Covid-19, a produção parou por praticamente um ano, e após retornarem as encomendas, o percentual foi bem inferior aos de antes, a diminuição na produção das peças teve uma queda de praticamente 60%, nos dias atuais a confecção ainda é realizada, mas com apenas duas pessoas na confecção, produzindo apenas 30 mil peças por semana, seja no formato de argolas, botões, quadradas e no design de flor. No entanto, o entrevistado, quis ressaltar que hoje há muita dificuldade em encontrar mão de obra, tanto na produção das peças no povoado Impoeiras de Baixo, como também nas empresas que a mercadoria é fornecida, influenciando o mercado.

Podemos descrever que é um legado que foi passado de pai para filho, como o senhor João sempre esteve junto do seu genitor, hoje está à frente dos negócios, no começo a matéria-

prima utilizada na confecção, era encontrada na cidade de Pindorama – Alagoas, mas por motivos econômicos (redução de gastos), pois a distância é muito grande e a fábrica foi aumentando o preço do produto, atualmente os recursos são adquiridos na cidade de Arapiraca – Alagoas, onde foi feito um acordo com a fábrica Caicó.

Figura 1 – Matéria-prima utilizada na confecção das peças



Fonte: Autor (a) da pesquisa (2022)

Com a figura 1, podemos visualizar os insumos utilizados na confecção das peças.

Figura 2 – Início da confecção



Fonte: Autor (a) da pesquisa (2022)

A figura 2 traz o início do processo, nessa parte é onde começa a utilizar a casca seca do coco e transformar em peças arredondadas com um pequeno furo no meio, logo abaixo temos a ilustração da peça, especificamente na figura 3.

Figura 3 – Peças arredondadas em formato de botão



Fonte: Autor (a) da pesquisa (2022)

A figura 3 nos mostra o processo da utilização da casca do coco seco, para chegar até o formato de botão, utilizados em almofadas e bolsas.

Figura 4 – continuação no processo de construção das peças de artesanato



Fonte: Autor (a) da pesquisa (2022)

Parte do processo ilustrado pela figura 4 é o início da construção dando forma as argolas.

Figura 5 – Peças no formato de argolas



Fonte: Autor (a) da pesquisa (2022)

A figura 5, mostra a peça em formato de argola, aqui elas estão prontas para comercialização, que acontece no estado de Pernambuco, sendo utilizadas pelas fábricas em bolsas e cortinas, sendo o formato de peça mais procurado desde os primórdios até atualmente.

Figura 6 – Peça no design de flor



Fonte: Produtor atual (2024)

A figura 6, nos traz uma peça já em design diferente, com um formato de uma flor, utilizada em jogo americano e em bolsas.

Todo o processo da confecção das peças provenientes da casca do coco seco, é feito na propriedade particular do proprietário do negócio, por mais que o trabalho seja feito no intuito de desperdiçar o mínimo de material possível, a casca seca não é utilizada por completa nesse processo, sendo assim, existem sobras que são acumuladas, e de dois a três dias por semana, é feita a incineração no terreno do seu quintal.

Figura 7 – Resíduos da casca do coco seco



Fonte: Autor (a) da pesquisa (2022)

Acima podemos visualizar os resíduos sendo amontoados no terreno atrás da casa do produtor das peças, que durante um período já citado em meio ao trabalho, é feita a queima dessas sobras.

Nos dias atuais o ramo está funcionando com apenas duas pessoas no processo de produção, onde aparentemente gostam do trabalho que fazem, por não ser pesado e também está próximo de sua residência, no entanto, acredita-se que por questões monetárias, surgindo alguma oportunidade melhor, eles aceitariam uma nova proposta de emprego, com relação ao acúmulo dos resíduos, esse é um assunto que nunca tiveram interesse em buscar outras alternativas ao invés da já utilizada.

Durante o trabalho de pesquisa, ficou claro a dificuldade em conseguir respostas mais completas, fica a indagação se o caso disso é, as pessoas realmente não se importam com o que acontece ao seu redor, qual a finalidade do seu trabalho e qual sua conclusão, ou se a falta de interesse em adquirir conhecimento. Podemos abordar também a questão do medo em falar sobre o seu trabalho, ou talvez a falta de entendimento com relação a tudo que é feito, infelizmente, as vezes acontece o problema do comodismo, e pode ser ou fazer o diferencial na vida de alguém.

Podemos detectar através das figuras apresentadas, que o local de trabalho é simples e rústico, um ambiente que foi adaptado para esse fim, que é basicamente a céu aberto, gerando emprego e renda para a comunidade, mas sendo de maneira informal.

4.2.2 SUSTENTABILIDADE E GESTÃO DOS RESÍDUOS

Como já mencionado anteriormente, a casca do coco seco não se faz o uso de 100% da sua capacidade no processo de construção das peças de artesanato, basicamente em cada casca é aproveitada uma média de três a quatro peças, e o que sobra é amontoado no terreno atrás da casa do proprietário, costuma acumular e no máximo faz o processo da incineração a cada dois ou três dias por semana.

O senhor João, proprietário que está à frente dos negócios, afirma ter consciência de que o que é feito com os resíduos da casca do coco é prejudicial, tanto com relação a saúde como também ao meio ambiente, inclusive já houve reclamações por parte dos moradores da comunidade do ato praticado, a fumaça estava causando lacrimação dos olhos e dificuldades para respirar.

Após o ocorrido com os moradores, ele resolveu queimar com mais frequência, pois, antigamente esse processo não era feito a cada dois ou três dias por semana, mas sim, após uma semana ou mais das sobras acumuladas, aumentando a quantidade de fumaça com uma coloração bem mais escura, e por isso, nos dias atuais, procura-se fazer a queima em média a cada dois dias por semana, em horários de pouca circulação, de manhã cedinho e a tardezinha, essa foi a forma encontrada para evitar conflitos com a comunidade.

Apesar de possuir entendimento e afirmar que esse ato não é correto, com relação social e ambiental, continua a praticar, por questão meramente econômica, tempos atrás, os resíduos eram vendidos para a empresa Pindorama, mas com o tempo os gastos foram aumentando, tornando algo desvantajoso, como o proprietário era o responsável em fazer o traslado até a fábrica, a distância foi um fator importante economicamente falando.

Dessa forma, como as despesas obtidas na tentativa de venda das sobras da casca do coco aumentaram, a ponto de o senhor João resolver acumular e queimar no quintal da sua própria casa, mesmo segundo ele, tendo entendimento que tais resíduos podem ser utilizados para outros fins, como, na fabricação de piso, é eficaz como estrumo e como lenha, acrescentando em suas palavras, que além do já citado, acredita que são diversas as suas finalidades, que ao mesmo tempo fogem do seu conhecimento.

As máquinas utilizadas no processo de construção das peças, aparentam já possuir algum tempo de uso, que foi um ponto mencionado pela mão de obra atual como negativo, pois quando ocorre algum problema, o processo de conserto é lento o que acaba prejudicando o dia

de trabalho ou até mesmo a produção diária, no entanto, não costuma ter diálogo sobre melhorias com o responsável.

Durante a abordagem sobre o assunto com as pessoas que fazem o processo acontecer, ficou notório a forma de pensamento dos envolvidos, de um lado da moeda, tem o que acredita que o trabalho é bom, mas precisa de melhoria, o processo da queima é prejudicial ao meio ambiente e aos seres vivos, até porquê já existiu reclamações, mas nunca teve interesse em procurar saber se aqueles resíduos serviriam para alguma outra coisa.

Do outro lado da moeda, diz que está tudo bem e que não precisa mudar nada no seu trabalho, aí vem uma questão cultural, o mesmo não acredita que a incineração dos resíduos seja um problema socioambiental, pois é uma ação que ocorre a muito tempo, feita em um local distante das pessoas, acreditando que se fosse prejudicial, os afetados seriam seu próprio empregador e sua família, pois o processo é feito atrás da sua residência. Entretanto, as vezes costumava levar um pouco das sobras para utilizar como lenha.

Percebe-se, que por mais que as opiniões pareçam divergir, na verdade elas tem muito em comum, porque quando se fala em procurar novas alternativas, ou se caso já existiu a curiosidade sobre produtos renováveis, a resposta foi a mesma, ambos não possuem conhecimento sobre sustentabilidade como também é algo que não lhes despertou interesse em buscar compreender.

A verdade é que quando se trata do termo “sustentabilidade” o caminho ainda é longo a percorrer, pois para muitos, ainda é um assunto novo e desconhecido, logo, não é algo que vemos sendo propagado diariamente, seja através das mídias digitais ou até mesmo da gestão municipal, pois sabemos que o sistema convencional que vigora é interessado em produzir de forma demasiada, e isso vem contra os princípios de assuntos que abordam o socioambiental como principal fator.

4.2.3 SISTEMA DE PRODUÇÃO E SUSTENTABILIDADE: PELO OLHAR DOS EX-FUNCIONÁRIOS

Ambos os entrevistados estão aposentados, e trabalharam com a confecção das peças durante alguns anos. De uma parte o trabalho era considerável bom, entretanto, existia a necessidade de algumas mudanças, como por exemplo, dos maquinários, quando dava algum defeito, o próprio trabalhador tentava consertar, quando não conseguia, voltava pra casa e ficava

parado até receber o aviso que podia retomar o trabalho, e as vezes esse retorno era bem demorado, apesar dos resíduos serem alocados próximo ao ambiente de trabalho e isso já ser algo que ocorre a bastante tempo, acredita-se que é uma ação prejudicial para a saúde e degrada o meio ambiente, no entanto, nunca buscou uma alternativa para o fato, somente pensou que as sobras deveriam ser alocadas em outro local ou até mesmo enterrada, afirmando assim, não ter nenhum conhecimento sobre sustentabilidade ou produtos recicláveis.

O trabalho com a produção das peças para a outra parte envolvida, era muito bom, no seu entendimento não necessitava de mudanças, era contemplado com os recursos oferecidos para a produção, como também não via problema com a questão da incineração dos resíduos, pois já é algo que ocorre a alguns anos e nunca ficou sabendo que a comunidade se incomodou com o feito, mas deixou claro que também não foi algo que procurou saber, dessa forma, não se interessou se as sobras poderiam ter uma finalidade diferente da que era feita, como também não compreende sobre o assunto que envolve a sustentabilidade ou já teve interesse, mas afirmou que já teve curiosidade em saber se além do que já fazia com a casca do coco dava pra fazer outro tipo de artesanato, porém, nada que mudasse a finalidade dos resíduos em seu povoado.

É interessante e de fácil percepção que, mesmo sendo abordado a visão dos ex-funcionários, elas foram bem semelhantes a visão dos atuais trabalhadores, numa parte, teve o que falou sobre acreditar que a queima traz malefícios de curto a longo prazo, sendo importante a preservação do meio ambiente pelo fato que necessitamos do que ele nos oferece, mas, na outra parte, entendeu que como já é algo praticamente enraizado, não enxergou ser um problema socioambiental, porém, quando se trata de interesse em entender sobre novas possibilidades ou sobre o assunto da sustentabilidade, as respostas foram praticamente iguais, não existe conhecimento sobre o termo.

Fica claro que quando se fala em conhecimento, todos os envolvidos demonstraram dificuldades na comunicação, e quando se trata do meio ambiente o entendimento é bem rudimentar, entendem a sua importância para a vida dos seres vivos, mas divergem quando afirmam que o processo feito com os resíduos da casca do coco seco não é prejudicial, logo, nos faz pensar que na verdade não há consciência do que realmente acontece.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o apresentado na referida pesquisa, é possível avaliar a importância do artesanato proveniente da casca do coco seco no povoado de Impoeiras de Baixo em Pão de Açúcar-AL, que ocorre desde os meados da década de 1990, tendo influenciado várias famílias com a geração de emprego e renda, e também na questão do aprendizado.

No entanto, junto da novidade econômica veio os problemas com relação a gestão dos resíduos da casca do coco seco, que são alocados no quintal do proprietário do negócio, e feito o processo de incineração a cada dois dias por semana, e isso já ocorre há alguns anos nessa localidade.

Através da pesquisa em campo, ficou evidente o conhecimento do proprietário com relação ao que é feito com essas sobras, porém, ele mesmo informou que o fato acontece até os dias de hoje, porque realocar para outro lugar lhe trazia muita despesa, e na tentativa de evitá-la, essa foi a ideia que lhe veio como solução para executar esse gasto.

Ficou claro que como já é algo que acontece a bastante tempo, se tornou um evento normal, que de acordo com uns dos entrevistados, não é visto como um problema socioambiental, e também não tiveram a curiosidade em buscar novas alternativas para a utilização dos resíduos.

O trabalho também nos forneceu através da pesquisa bibliográfica, entender que já existem alguns mercados que são atrelados no seguimento dessas sobras da casca do coco seco, logo, já estão tendo uma pegada ecológica, se preocupando com a questão socioambiental, buscando diminuir os problemas acometidos pela degradação ambiental.

É importante enfatizar a busca por conhecimento, seria de grande valor se os governantes investissem na educação ambiental, propagando os riscos que os impactos ambientais podem causar, e até mesmo ilustrar em quais ações a degradação está inserida no meio ambiente, pois há quem considere uma pequena ação inofensiva, acreditando que só causa problemas quando se trata de ações de grande proporção, desse modo, percebe-se o poder e a valorização que a informação tem, ela pode transformar vidas.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, et al. Percepção da Gestão ambiental em um Ambiente Microempresarial: abordando um novo conceito de ecodesenvolvimento. **III Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental**. Goiânia/GO, 19 a 22 de nov. 2012.
- AVENI, A. Eco-empreendedor. Uma taxonomia usando motivações e gestão para uma economia verde. In: OLIVEIRA, O.; GONÇALVES, D. M. **Gestão Ambiental**. Belo Horizonte: Poisson.: 2017, v.1, p. 326. ISBN 978-85-93729-10-2.
- BARBOSA, L. C. B. G. **A comercialização de produtos orgânicos como alternativa para a geração de sustentabilidade aos agricultores familiares**. 2007. 260 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL, 2007.
- BOFF, L. Desafios atuais para a construção da sustentabilidade. In: BOFF, L. **Sustentabilidade: o que é: o que não é**. Petrópolis, RJ: Vozes.:2017. ISBN 978-85-326-5610-0 – Edição digital.
- BRASIL. Decreto n. 97.632, de 10 de abril de 1989. Dispõe sobre a regulamentação do artigo 2º, inciso VIII, da Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981, e dá outras providências. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1989/decreto-97632-10-abril-1989-448270-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 27 set. 2021.
- BRÜSEKE, F. J. O problema do desenvolvimento sustentável. **Desenvolvimento e Natureza: estudos para uma sociedade sustentável**. Recife, 1994. p.262.
- CONGRESSO BRASILEIRO DE GESTÃO AMBIENTAL, 2012, Goiânia. **Percepção da gestão ambiental em um ambiente micro-empresarial**: abordando um novo conceito de ecodesenvolvimento. Goiânia, IBEAS – Instituto Brasileiro de Estudos Ambientais, 2012. Disponível em: <https://ibeas.org.br/congresso/Trabalhos2012/XI-056.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2023.
- COOPERATIVA PINDORAMA. **Pindorama investe em produção sustentável no beneficiamento do coco**. 2019. Disponível em: <http://www.cooperativapindorama.com.br/2019/04/26/pindorama-investe-em-producao-sustentavel-no-beneficiamento-do-coco/>. Acesso em: 25 nov. 2020.
- CHAVES, M. P. S. R.; RODRIGUES, D. C. B. Desenvolvimento sustentável: limites e perspectivas no debate contemporâneo. **Revista Internacional de Desenvolvimento Local**. v.8, n.13, p. 99-106, set. 2006.
- CRUZ, F. N.; HOFF, D. N. Ecosistema industriais como eco-inovação coerente com a construção de uma economia verde. **Revista de Estudos Sociais**, v.20, n.40, p. 142-160, Cuiabá, MT, 2018. DOI 10.19093/res6623.
- DINIZ, M. B.; DINIZ, M. J. T.; RIVAS, A. A. F. Economia brasileira: transição para uma economia verde? **Ensaio FEE**, v.36, n.4, p. 945-978, Porto Alegre, 2016.
- DOMINGUES, M. S.; BERMAN, C.; MANFREDINI, S. A produção de soja no Brasil e sua relação com o desmatamento na Amazônia. **RPGeo – Revista Presença Geográfica**. n. 01, 2014.

FILHO, G. M. Ecodesenvolvimento e desenvolvimento sustentável – conceitos e princípios. *Textos de Economia*, Florianópolis, v.4, n.1, p. 131-142, 1993.

FONTENELE, R. E. S. **Cultura do Coco no Brasil: Caracterização do Mercado Atual e Perspectivas Futuras**. In: CONGRESSO DA SOBER, 43., 2005, Ribeirão Preto. Instituições, eficiência, gestão e contratos no sistema agroindustrial: anais. Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, 2005.

FRISCHTAK, C. R. O Brasil e a economia verde: fundamentos e estratégia de transição. **Economia verde desafios e oportunidades**. n.8, junho, 2011, Belo Horizonte, MG, ISSN 1809-8185.

GALLO, E. et al. Saúde e economia verde: desafios para o desenvolvimento sustentável e erradicação da pobreza. *Ciência & saúde coletiva*, v.17, n.5, p. 1457-1468, 2012.

GARCIA, D. S. S. Dimensão econômica da sustentabilidade: uma análise com base na economia verde e a teoria do decrescimento. *Veredas do direito*, v.13, n.25, p. 133-153, Belo Horizonte, 2016.

GANILHO, E. J. S. Empreendedorismo no contexto de uma economia verde: perspectivas futuras. *Ciem 2015 – 5º Conferência Ibérica de Empreendedorismo*.

GOUVEIA, N.; PRADO, R. R. **Análise espacial dos riscos à saúde associados à incineração de resíduos sólidos: avaliação preliminar**. *Revista brasileira de epidemiol.* vol.13 nº.1 São Paulo Mar. 2010.

JACOBI, P. R.; SINISGALLI, P. A. A. Governança ambiental e economia verde. *Ciência & saúde coletiva*, v.17, n.6, p. 1469-1478, São Paulo, 2012.

JACQUES, A.V.A. **A queima das pastagens naturais - efeitos sobre o solo e a vegetação**. *Revisão Bibliográfica. Ciência Rural*, Santa Maria, v.33, n.1, 2003.

KAMOGAWA, L. F. O. **Crescimento econômico, uso dos recursos naturais e degradação ambiental: uma aplicação do modelo EKC no Brasil**. 2003. 121 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2003.

LUCIO, C. A. **O fator socioeconômico influenciando a degradação ambiental do município de Tanguá**. 2010. 45 f. Monografia (Especialista em Gestão Ambiental) – Universidade Candido Mendes, Niterói, RJ, 2010.

MEHLER, J. R. Desafios da indústria têxtil e as demandas de sustentabilidade. **Revista Diálogos Interdisciplinares**, São Paulo, SP, v.2, n.2, p. 1-25, 2013. ISSN 2317-3793.

NETO, I. R. G. C.; RODRIGUES, G. G. Relação homem-natureza e os limites para o desenvolvimento sustentável. **Revista Sociais & Dinâmicas Espaciais**. Recife, v.6, n.2, 2017, p.142-156.

NETO, F. et al. **Possíveis Formas de Aproveitamento dos Resíduos Oriundos do Coco (Cocos nucifera L.)**. Bento Gonçalves – RS, Brasil: 2º Congresso Internacional de Tecnologias para o Meio Ambiente, 28 a 30 de abril de 2010.

NUNES, M.U.C. et al. **Tecnologia para Biodegradação da Casca de Coco Seco e de Outros Resíduos do Coqueiro**. Aracaju: Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2007, 2 p. (Embrapa Tabuleiros Costeiros. Circular Técnica, 46).

- OLIVEIRA, D. F.; MONTEIRO, L. V. G. Ecodesenvolvimento: uma abordagem sob o contributo de Ignacy Sachs. **Revista de Direito, Economia e Desenvolvimento Sustentável**. Minas Gerais, MG, v.1, n.2, p.29-48, jul/dez. 2015. ISSN 25.26-0057. DOI 10.21902.
- PATRÍCIO, M. C. M. **O processo de degradação ambiental e seus efeitos socioeconômicos em Cabaceiras-PB**. 2013. 95 f. Dissertação (Mestrado em Recursos Naturais) – Universidade Federal de Campina Grande, PB, 2013.
- PEDROSO, A. P. F.; ROCHA, S. de A. **Artesanato em casca de coco: Uma fonte de renda ecologicamente correta**. Mix Sustentável - Edição 05, V3, n.1, 2017.
- ROSA, M. de F. et al. **Processo agroindustrial: obtenção de pó de casca de coco verde**. Fortaleza: Embrapa Agroindústria Tropical, 2001. 1p. (Comunicado Técnico, 61).
- RUBIRA, F. G. Definição e diferenciação dos conceitos de áreas verdes/espços livres e degradação ambiental/impacto ambiental. *Caderno de Geografia*, v.26, n.45, 2016. ISSN 2318-2962.
- SILVA, G.; JERÔNIMO, C. E. **Estudo De Alternativas Para o Aproveitamento De Resíduos Sólidos Da Industrialização Do Coco**. 2012. Disponível em:<<https://periodicos.ufsm.br/remoa/article/view/6935/pdf>>. Acesso em: 30 jan. 2020.
- SILVA, D. E. **Desenvolvimento local: alternativas para geração de renda e preservação ambiental em pequenas propriedades rurais**. 2015. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade) – Universidade Federal de Itajubá, Itajubá, MG, 2015.
- TRIPOLI, R. Comissão de meio ambiente e desenvolvimento sustentável – subcomissão+20. Relatório Rio+20. Abril, 2013.
- TURCATO, J. C. et al. Os limites do desenvolvimento: o debate entre crescimento econômico, desenvolvimento sustentável e decrescimento. **AJOICA - Revista de la Agrupación Joven Iberoamericana de Contabilidad y Administración de Empresas**. V.20, 2019, p.97-108. ISSN 1988-9011.

APÊNDICE

Roteiro de Entrevistas semiestruturadas

Responsável por trazer a produção das peças proveniente da casca do coco seco para o Povoado Impoeiras de Baixo – Pão de Açúcar – Alagoas.

Como tudo começou? Comente.

Como conseguiu a matéria-prima? Comente.

Quanto era produzido por semana? Comente.

Após dar início a essa produção, tiveram mais pessoas que se interessaram pelo artesanato dessas peças? Comente.

Quantas famílias foram empregadas no período de alta nesse tipo de artesanato? Comente.

Qual motivo te levou ao fim do negócio com a confecção das peças da casca do coco seco? Comente.

Entrevista com o filho de um dos produtores das peças que teve durabilidade no povoado citado.

Quando começou a produção com a confecção das peças da casca do coco? Comente.

Como conseguia a matéria-prima? Comente.

Quanto era produzido por semana? Comente.

Durante a confecção das peças, o que era feito com o que sobrava da matéria-prima? Comente.

Quando o negócio teve fim? Comente.

Proprietário responsável pelo foco da pesquisa, onde ainda permanece com a confecção das peças.

Onde é feita a confecção das peças da casca do coco, e a quanto tempo o senhor está nesse ramo de atividade? Comente.

A matéria-prima utilizada para a confecção das peças são próprias ou adquiridas por terceiros, existem sobras (resíduos) no processo de produção? Comente.

No caso da existência de resíduos, qual o seu destino? Comente.

Qual o seu entendimento, sobre a finalidade destinada dos resíduos? Comente.

Com relação ao processo dos resíduos da casca do coco, já existiu algum tipo de reclamação por parte da comunidade local? Comente.

O senhor já buscou outras alternativas para a utilização dos resíduos? Comente.

Qual o seu entendimento sobre sustentabilidade, ou produtos recicláveis? Comente.

Entrevista com dois trabalhadores atuais.

**O que o senhor acha do seu trabalho com confecção de peças da casca do coco?
Comente.**

O senhor acredita que deve melhorar em algum quesito? Comente.

O senhor já conversou sobre mudanças no processo de produção das peças oriundas da casca do coco, com o seu patrão? Comente.

Qual as suas considerações com relação ao processo que é feito com os resíduos da casca do coco? Comente.

O senhor já se interessou ou se interessa em buscar alternativas para a finalidade desses resíduos? Comente.

Para o senhor, essa ação de queimar os resíduos, prejudica o meio ambiente e população local? Comente.

Qual o seu entendimento sobre sustentabilidade, ou produtos recicláveis? Comente.

Entrevista com dois Ex-trabalhadores.

Após deixar de trabalhar com a confecção de peças provinda da casca do coco, surgiram novas atividades, ou no começo foi complicado? Comente.

O senhor gostava do trabalho com confecção de peças, achava que mudanças se fazia necessário, ou já estava de bom tamanho? Comente.

Sabendo que os resíduos da casca do coco são amontoados e queimados nos fundos da casa do proprietário, o que o senhor acha que essa ação pode impactar tanto no meio ambiente como da comunidade local? Comente.

Durante o período que trabalhou na confecção, teve interesse em buscar novas alternativas para tais resíduos? Comente.

Para o senhor, o meio ambiente é importante? Comente.

Qual o seu entendimento sobre sustentabilidade, ou produtos recicláveis? Comente.